

Desafios e conquistas da demografia histórica no final do século*

David S. Reher* *

Introdução

Elaborar um "estado das artes" para o campo da Demografia Histórica no final do Século XX pode ser instrutivo. Esse campo - que segundo alguns somente adquiriu identidade com os trabalhos de Louis Henry há 40 anos e cresceu de maneira assombrosa desde então - encontra-se no momento em uma encruzilhada importante, já que as vias tradicionais de crescimento estão se estreitando. Isto requer certas mudanças de rumo, se se quer que a vitalidade mostrada até o momento venha a caracterizar o futuro.

O trajeto pelo campo da história da população aqui apresentado será muito pessoal. Nas páginas que seguem, tentarei colocar minhas idéias de forma clara e ponderada, a fim de apresentar uma visão de conjunto. Será uma visão pessoal e crítica, na qual destacarei o que creio que tenham sido os desenvolvimentos mais importantes na área, assim como os problemas, sempre com a vista centrada nos grandes desafios que balizam o presente e o futuro neste final de século marcado por grandes transformações em todos os aspectos da vida do homem.

A Demografia Histórica é uma disciplina jovem, que ganhou força na Europa a partir da década de 50. Guiada pela escola francesa, sob a tutela metodológica, analítica

e até pessoal de Louis Henry, e seguida por uma escola inglesa integrada por nomes como Thomas Hollingsworth, David Glass, D.E.C. Eversley, John Hajnal, adquiriu identidade tanto dentro das ciências sociais como da História ao longo desta década. Desde então, seu crescimento tem sido fulgurante, com uma participação ativa tanto de demógrafos como de historiadores que aprendiam técnicas de análise demográfica aplicadas ao passado. Como freqüentemente ocorre nestes casos, estes historiadores, muitas vezes estudantes, buscavam as fontes mais próximas, normalmente em seus povos de origem: era a época das "monografias de vilas ou paróquias". Este crescimento foi surpreendente, chamativo, e terminou convertendo a Demografia Histórica em um campo importante dentro das Ciências Históricas.

As grandes linhas de pesquisa em Demografia Histórica, ontem e hoje

Se observamos com detalhes o campo da Demografia Histórica e seu desenvolvimento nas últimas três décadas, podemos ver certas linhas de investigação que tendem a aglutinar boa parte dos trabalhos que se realizam. Esses não são necessariamente temas substantivos de investigação — embora em determinados casos possam coincidir com um ou outro tema —, mas

* Trabalho apresentado no X Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, 1996. A tradução do texto original "Retos y logros de la Demografía Histórica en finales del siglo" é de autoria de Isabel Cristina Maria da Costa, com a revisão técnica de Ana Amélia Camarano e Marcelo Medeiros.

** Professor da Universidad Complutense de Madrid.

grandes campos de investigação. Algumas vezes são determinadas pela fonte; outras vezes, pela forma de explorar a fonte. Porém, têm uma unidade, de modo que uma pessoa trabalhando em determinada linha pode ter por referência trabalhos similares, mesmo que realizados em contextos culturais e históricos totalmente diferentes. São como famílias de investigação, que terminam estruturando boa parte da atividade que se realiza neste campo. Nesta seção, gostaria de tratar das mais importantes linhas de investigação em Demografia Histórica, detalhando seu desenvolvimento nos últimos tempos e seu estado atual. Também farei referência ao "estado das artes" de cada uma delas na Espanha.

A reconstituição de famílias

A importância da técnica de reconstituição de famílias para o desenvolvimento do conhecimento da história de uma dada população tem sido enorme. Pode-se considerá-la de alguma forma "o método" principal de Demografia Histórica.

Em defesa do seu conceito de "fecundidade natural", Louis Henry desenvolveu o método de reconstituição de famílias, que consiste, basicamente, em reunir em uma única ficha, chamada "ficha de família", informações pertinentes sobre o nascimento, matrimônio e falecimento de um casal e sua descendência. De fato, para fazer a ficha de família deve-se ordenar a informação presente nos registros paroquiais de batismos, matrimônios e falecimentos segundo os critérios apropriados, quase sempre alfabéticos, em torno da vida de um casal. Ao integrarmos esta informação de fontes dispersas obtemos a experiência reprodutiva de um casal.

Uma vez reunida a informação na ficha de família, é tarefa relativamente fácil reconstruir as taxas específicas de fecundidade por duração do matrimônio e por idade

ao casar, estimar os intervalos entre nascimentos e outros indicadores, assim como realizar algumas estimativas sobre nupcialidade (idade ao casar) e mortalidade infantil. Posto que, historicamente, a imensa maioria da fecundidade teve lugar dentro do matrimônio, ao se abordar a fecundidade matrimonial, aborda-se, de fato, o elemento chave da reprodução dentro das sociedades do passado. No entanto, o método mostra-se pouco útil para estimar a fecundidade não marital, a intensidade da nupcialidade (celibato) e a mortalidade em idades não infantis.

Desde seus primórdios, a reconstituição de famílias recebeu dois tipos de críticas, que devem ser levadas em consideração. Por um lado, questiona-se sua representatividade diante do conjunto da sociedade e, por outro, o volume do trabalho que demanda. Sobre o primeiro destes pontos, não considerando os problemas derivados de se fazer com que um segmento populacional determinado "represente" a sociedade em seu conjunto, lembra-se que, por definição, somente se consideram casais/mulheres que não migram, posto que, se todos os seus fatos vitais não estão presentes em uma mesma paróquia, é impossível levar adiante a reconstrução. O problema surge quando nos perguntamos: as mulheres sedentárias são representativas do conjunto da sociedade? Que porcentagem das mulheres são realmente sedentárias? Estas são perguntas difíceis, que não têm uma resposta fácil.

Não menos importante têm sido as dificuldades inerentes à reconstrução de famílias, visto tratar-se de um método que demanda muito trabalho, mesmo em pequenos povoados. Nos últimos anos, realizaram-se muitos esforços para reduzir este trabalho e ampliar o alcance das reconstruções de famílias de modo a abarcar grupos de povoados, tendo em vista refletir sobre a fecundidade das famílias migrantes. A utilização da informática foi considerada uma solução possível¹, mas, apesar de alguns resultados animadores, até hoje estes

¹ Para um resumo de vários projetos, ver Skolnick et al. (1977).

macroprojetos informáticos não resolveram de todo os problemas da laboriosidade inerente ao método. Além destes inconvenientes, a reconstrução de famílias também apresenta outros problemas característicos dos métodos microanalíticos. Não obstante estas dificuldades, todavia, sua importância para o nosso conhecimento das populações do passado é inegável.

Henry colocou em prática seu novo método num estudo genealógico sobre a burguesia genebrina e em sua clássica investigação do povoado de Crulai, em colaboração com Etienne Gautier.² O êxito foi imediato, sobretudo na França, onde se produziu um enorme interesse pela *monographie du village* e foram realizadas várias investigações. Geralmente, os autores deste tipo de estudos eram estudantes de pós-graduação, ainda que várias figuras relevantes da Demografia Histórica francesa também realizassem projetos ambiciosos. Entre eles cabe citar Jacques Dupâquier, Jean Pierre Bardet, Marcel Lachiver, Alain Bideau e muitos outros.

O número de reconstruções de famílias na França é hoje elevadíssimo, muito maior que em qualquer outro país europeu. Prova disso encontra-se no livro de Michael Flinn (1981) sobre o sistema demográfico europeu, que se baseia nos resultados das reconstruções de famílias. O livro traz uma ampla bibliografia, e, das 700 obras citadas, 229 correspondem a obras francesas, sendo a maioria reconstruções de famílias.

Este grande número de trabalhos produzidos na França centrou-se quase exclusivamente no período compreendido entre o final do Século XVII, quando os registros paroquiais franceses começam a apresentar qualidade suficiente, e os primeiros anos do Século XIX. Este marco temporal deveu-se às dúvidas acerca da qualidade dos registros paroquiais na França durante a primeira parte do século XIX, à

aparência de um incipiente Registro Civil e ao fato de que, para a historiografia francesa, tudo termina (ou começa) na Revolução Francesa. É de se lamentar o período escolhido, já que as grandes mudanças demográficas deflagradas na França entre 1780 e 1820, por ocorrerem no final do período abarcado pelas reconstruções de famílias, não ficam realmente bem demarcadas no tempo. Apesar desta dificuldade, contudo, as conquistas francesas nesta matéria foram memoráveis e transformaram a França, durante os anos 60 e 70, em líder indiscutível neste campo. Graças aos esforços de seus pesquisadores, conhecemos a história da população francesa muito melhor do que a de qualquer outro país.

Não obstante os êxitos, essa onda de estudos não é isenta de críticas. Questiona-se, sobretudo, até que ponto não se teria produzido na França uma situação de rendimentos decrescentes para estudos desta natureza. De quanto aumentou nosso conhecimento do passado francês ao passarmos de 100 reconstruções para, por exemplo, 120? Houve realmente um aumento de conhecimento ou é mera ilusão? Não se teria investido melhor tanta energia em novos temas com novos métodos? De fato, nos últimos 15 anos houve um abandono progressivo deste tipo de estudo no país.

Em outros países observou-se também uma onda de reconstruções de famílias, mas não com a mesma intensidade registrada na França. O número médio de estudos por país, na maioria dos casos, está entre dez e 20 na Inglaterra, Bélgica, Itália, Alemanha e Holanda. Entre estes destaca-se o excelente estudo de John Knodel (1988 [não consta da bibliografia]) sobre vários povos alemães (estudo facilitado pelas genealogias elaboradas no primeiro terço do século atual), assim como o macroestudo a cargo de E.A. Wrigley, Roger Schofield, Jim Oeppen e Roz Davies (1997) em Cambridge, sobre os

² Ver Henry (1956) e Henry e Gautier (1958). A primeira definição do método encontra-se em Henry (1956). Para uma explicação clara deste método, ver Wrigley (1966).

resultados conjuntos de reconstituições de famílias de 16 localidades inglesas.

Há mais de 20 anos apareciam na Espanha e em Portugal as primeiras publicações baseadas no já clássico método de reconstrução de famílias idealizado por Louis Henry. Os pioneiros foram Jordi Nadal em Barcelona e a equipe de investigadores que trabalhava naquela época sob a direção de Antônio Eiras Roel na Universidade de Santiago de Compostela. Desde então, este método foi aplicado com êxito diferenciado em distintas localidades de Portugal e Espanha. Na atualidade, pode-se afirmar que a cobertura é relativamente abundante na Galícia e em menor medida em Valência e no Norte de Portugal; é muito mais modesta em regiões como Extremadura, Castilla la Nueva, Cataluña, Castilla la Vieja e Aragón e muito escassa nas zonas meridionais de ambos os países. Em Portugal registra-se um número não desprezível de reconstruções de famílias, sobretudo a cargo da professora Norberta Amorim, da Universidade de Braga (Guimarães), e de pessoas relacionadas com sua equipe de pesquisa.³

Sem dúvida, a estratégia mais significativa de renovação metodológica no terreno da reconstrução de famílias, ao menos na Península Ibérica, tem sido proposta por Norberta Amorim (1995). Trata-se do que ela chama de reconstituição de paróquias. Este método contempla três fases distintas porém relacionadas: a) a reconstrução de famílias diretamente em fichas de família, baseando-se no nome de batismo como identificador. Esta fase foi desenhada tanto para facilitar o método original idealizado por Fleury e Henry como para compensar os problemas relacionados com a variabilidade de sobrenomes (nomes de família) em países de língua portuguesa; b) a criação de fichários de indivíduos, a partir das fichas de família, mediante o uso da microinformática; e c) a agregação a este arquivo de indivíduos de informações provenientes de outras fontes, a fim de identificar ao máximo as distintas

pessoas e reunir dados de várias fontes sobre os indivíduos. Embora Norberta Amorim tenha levado anos trabalhando neste método, podemos considerá-lo um método bastante novo. Até este momento, seus seguidores continuam utilizando métodos próprios para facilitar o processo de reconstrução em si e apenas se aventuram no terreno fascinante de cruzar informação derivada da reconstrução de famílias com a que se retira de outras fontes para, assim, reconstruir histórias de indivíduos.

O futuro deste tipo de estudo, tanto na Espanha como no resto da Europa, tem, necessariamente, de passar por uma renovação de seu enfoque principal, assim como do período histórico abarcado. Gostaria de assinalar a inexistência de estudos deste tipo sobre o período da transição demográfica, que, apesar dos problemas de confiabilidade das fontes que estabelece, continua sendo o fato demográfico mais importante na Europa desde a Peste Negra. A falta de enfoques individualizados de tal processo não deixa de ser profundamente preocupante.

Séries temporais e reconstrução da população

Sem alcançar a importância que tradicionalmente tiveram os estudos de reconstrução de famílias, mas com uma ramificação importante e talvez mais significativa, destacam-se atualmente os estudos baseados nas séries temporais. Neste tipo de estudos, que têm por denominador comum a utilização de registros vitais de longa duração, cabe uma grande variedade de enfoques. Existe uma tradição de utilizar estas variáveis para realizar uma reconstrução completa da população, de suas estruturas principais e das tendências das variáveis demográficas básicas (fecundidade, mortalidade, nupcialidade). Mas há outros enfoques distintos que também adquiriram importância. Dentre eles, cita-se os que utilizam as grandes séries de batizados como indicadores gerais da evolução básica do tamanho da população, ou aqueles que usam séries de fatos vitais para

³Um bom exemplo de seu trabalho encontra-se em Amorim (1987).

realizar análises sofisticadas acerca das interações entre flutuações econômicas e demográficas. Nos parágrafos que seguem farei uma breve revisão destes tipos de estudos.

Há muito tempo, historiadores da população têm-se esforçado em utilizar as longas séries de nascimentos como indicador aproximado da evolução do tamanho da população. Este tipo de aproximação reúne a vantagem de dar uma idéia aproximada do calendário das mudanças na tendência do crescimento da população, o que é importante sobretudo para épocas em que não existiam levantamentos regulares da população. Este tipo de conhecimento, ademais, era impossível de ser obtido mediante a reconstrução de famílias.

A técnica baseia-se em uma série de pressupostos (por exemplo, a estabilidade das taxas de natalidade) mas seus resultados são claros e fáceis de conseguir. Muitos dos melhores trabalhos de Jordi Nadal no campo da Demografia Histórica, sobretudo na primeira etapa de sua carreira, foram produto deste tipo de enfoque. Além disso, Nadal (1984 e 1988) foi o responsável pela primeira avaliação regional do fenômeno do crescimento demográfico entre o final do Século XVI e o final do Século XVIII, período da história da Espanha com informações confiáveis nas datas extremas, porém sem relevância nas datas intermediárias. Muitos investigadores espanhóis seguiram esta linha de Nadal, que se inscreve em uma tradição de grande alcance na Demografia Histórica européia.

Com pretensões e graus de sofisticação muito superiores aos mencionados agrupam-se os estudos que buscam uma reconstrução relativamente completa da população a partir de amplas séries vitais. Qualquer pessoa que pretenda reconstruir as dinâmicas gerais das populações do passado, em maior ou menor medida, encontra-se em débito com os primeiros investigadores, que propuseram

técnicas de estimação baseadas, em dados parciais, incompletos ou locais. Neste sentido, foi essencial a contribuição de historiadores e demógrafos franceses, tais como Jean Bourgeois Pichat, Louis Henry, Yves Blayo e outros, que obtiveram visões globais da população de seu país a partir de séries vitais provenientes de amostras amplas. Embora a qualidade e amplitude das amostras que utilizaram tenham variado da mesma forma que as técnicas de estimação empregadas, os estudos coincidiram no esforço de apreciar as grandes flutuações da Demografia francesa no passado de forma dinâmica e matizada⁴.

Ainda maior foi a influência do que se poderia chamar de "escola anglo-saxônica", baseada em duas técnicas paralelas e, em certo sentido, complementares, a *reverse projection* e a *back projection*, e exposta na importantíssima obra *The population history of England*, de Wrigley e Schofield (1981).⁵ Poucos são os historiadores da população hoje em dia que escapam da grande sombra projetada por este livro.

O grande atrativo destes métodos reside no fato de oferecerem a possibilidade de se analisar a evolução demográfica e mesmo o funcionamento dos regimes demográficos a partir de uma perspectiva verdadeiramente dinâmica. Eles nos permitem também rastrear esta história dinâmica desde tempos bastante remotos, normalmente desde os Séculos XVI ou XVII, já que não requerem a existência de séries vitais confiáveis. Dado que a maior parte destas reconstruções utilizam métodos de estimação fundamentados em teorias demográficas sólidas e convincentes, seus resultados tendem a inspirar confiança. Naqueles casos em que foi possível contratar esses resultados com dados do censo, a concordância alcançada foi, no geral, muito grande, indicando que são métodos "sólidos".

Uma das maiores vantagens de utilizar um enfoque dinâmico da população é que,

⁴ Os trabalhos nesta linha são numerosos. Ver, por exemplo, Bourgeois-Pichat (1951), Henry e Blayo (1975), Blayo (1975a) e Weir (1993).

⁵ Aqui é preciso citar a obra pioneira de Ronald Lee (1974), bem como o clássico de Wrigley e Schofield (1981). Sobre o estado atual dos trabalhos nesta linha, ver Lee (1993) e Oeppen (1993).

de uma perspectiva puramente analítica, séries longas de variáveis demográficas precisam de forma muito mais clara o tempo e a intensidade das grandes mudanças de tendência demográfica ao longo da história e, em alguns casos, os fatores por trás destas mudanças. A novidade deste tipo de perspectiva é notória em um campo que vive sob o peso de quase 40 anos de preeminência de estudos locais baseados em técnicas micro-analíticas. O "microanalista", apesar da grande riqueza de informações sobre o comportamento demográfico que oferece, sempre foi lento na hora de perceber os momentos e a intensidade das mudanças demográficas. Com esta bagagem de atrativos, não é de se estranhar que, nos anos recentes, o número de estudos baseados em enfoques dinâmicos tenha aumentado, tanto entre os demógrafos quanto entre os historiadores.

Para proceder à reconstrução das dinâmicas demográficas, o investigador tem à sua disposição técnicas de estimação diretas ou indiretas. As mais conhecidas, sem dúvida alguma, são as técnicas indiretas, em especial a *inverse projection*. Desenhada há mais de 20 anos por Ronald Lee, esta técnica foi a base do grande estudo sobre a população inglesa de Wrigley e Schofield (1981) e foi aplicada com grande proveito a amostras de séries vitais de vários países. Prova disto é o artigo recente de Patrick Galloway (1994), onde as dinâmicas da população do Norte da Itália são reconstruídas e comparadas com dados provenientes de outras regiões e países europeus. Os resultados deste tipo de estudo foram contundentes e eloquentes. Sua divulgação entre os investigadores foi estimulada ainda mais por um pacote de *softwares* que permite realizar a projeção inversa diretamente dos microcomputadores pessoais.⁶

O problema principal em aplicar esta técnica não reside na técnica em si, mas na origem dos dados que utiliza. Se não há um registro completo de nascimentos e de óbitos, pode-se incorrer na estimação de indicadores

demográficos errados. Em muitos países de tradição católica, um dos obstáculos à investigação em Demografia Histórica tem sido o registro de mortes durante os primeiros anos de vida, que em muitos casos não chega a ser aproximadamente completo até datas relativamente tardias. A Espanha é um exemplo deste tipo de problema, já que na maioria das paróquias o registro de falecimentos infantis não era considerado aceitável até a segunda metade do Século XVIII. Inclusive para datas posteriores, existem dúvidas razoáveis sobre se os registros de óbito de crianças de pouca idade eram realmente completos. Em um número recente do *Boletín de La Asociación de Demografía Histórica*, um dos procedimentos adotados para algumas amostras regionais foi o de avaliar o grau de subregistros da mortalidade e "corrigir" a série anual de óbitos (ver Ardit, 1991; Macías Hernández, 1991). Em minha opinião, este tipo de solução não parece oportuna, já que não se pode saber se o que se gera com a *reverse projection* reflete a realidade histórica ou é uma mera invenção das nossas preocupações e das técnicas que temos à nossa disposição.

Tentou-se arbitrar outras soluções para este problema. Uma das mais imaginativas foi efetuada sobre uma amostra de séries paroquiais da região espanhola de Castilla la Nueva. Neste caso, ao invés de corrigir a série dos óbitos, optou-se por lançar mão de um nível e de uma estrutura geral de mortalidade, derivados das tábuas de vida existentes para a região em 1787, e aplicar este padrão de mortalidade à série existente de batismos, iniciada em 1523. A solução baseia-se no princípio de que o nível e a estrutura da mortalidade permaneceram invariáveis desde o Século XVI até 1787. O efeito deste tipo de método é o de anular as implicações para a população de variações da mortalidade a curto e médio prazos. Não obstante, se o nível geral de mortalidade oscilava em torno do vigente na tábua escolhida, a longo prazo o tamanho e estrutura da população deveriam estar

⁶ Para saber mais sobre o pacote de *softwares* *Populate*, ver McCaa e Pérez Brignoll (1989), McCaa (1989 e 1993) e McCaa e Vaupel (1992).

refletidos com bastante exatidão. De fato, quando foi possível contrastar os indicadores criados com outros elaborados de maneira independente em 1787, 1860 e 1887, a coincidência mostrou-se elevada (ver Reher, 1991; Livi Bacci e Reher, 1993). Contudo, apesar do inegável avanço para a história da população castelhana conferido por esta aproximação, não se deve confundir o método com a *reverse projection*, preferível sempre que podemos contar com os dados necessários. O que temos proposto é um recurso adequado à realidade de dados problemáticos.

Por fim, gostaria de terminar esta seção mencionando a utilização de séries temporais para apreciar melhor, dentro de modelos econométricos, as relações existentes a curto prazo entre flutuações econômicas e respostas demográficas. O primeiro a apontar esta linha de investigação foi, mais uma vez, Ronald Lee (1981). Segundo este método, uma vez eliminada a tendência das séries econômicas e demográficas, pode-se apreciar a relação de ambas tanto de maneira coetânea (o mesmo ano) como nos anos anteriores, tudo isso expresso em termos de elasticidades. Por se utilizar de séries anuais sem tendência, uma vantagem do método é que a direção da causalidade fica clara e não se apresentam problemas de mensuração da fecundidade e mortalidade, já que as flutuações anuais de óbitos representam as flutuações anuais reais da mortalidade.

Seguindo a linha delineada por Lee, muitos autores se lançaram a fazer estudos deste tipo em contextos variados, tanto europeus como não europeus. Os resultados da maior parte destes estudos indicam que as flutuações econômicas (na realidade, dos preços) tendem a afetar a fecundidade negativamente com o atraso de um ano. A mortalidade é afetada positivamente de maneira coletiva. Estas interações são mais evidentes em países e áreas pobres do que entre os mais bem situados economicamente.

Um dos aspectos mais importantes nesta linha de investigação é que se trata de estudos que integram as interações entre Demografia e Economia dentro de um modelo formal. Isso supõe um importante avanço qualitativo em nosso conhecimento do passado e uma elaboração dos postulados de Malthus. Sua grande limitação tem sido a incapacidade de ver as mesmas relações a médio e longo prazos, contexto muito mais interessante, de uma perspectiva científica e intelectual, porém muito menos elegante da ótica da análise estatística⁷. É esperado para os próximos anos uma continuação nos esforços para reconstruir as dinâmicas básicas da população e integrá-las aos fatores econômicos que lhes dizem respeito. É um campo com futuro, sobretudo pela possibilidade de ampliar as análises a países que se encontram fora do centro histórico da Demografia Histórica. Quanto à integração sistemática da economia em nossas análises, os desafios são grandes, mas creio que serão superados com o tempo.

O aproveitamento dos censos e de outras estatísticas demográficas

Esta linha de investigação tem por denominador comum os trabalhos realizados a partir de censos e de outras estatísticas demográficas publicadas. Refiro-me aqui basicamente ao Registro Civil, embora seja também possível incluir outras estatísticas oficiais, tais como estimações de fluxos migratórios nacionais e internacionais. Esta é uma linha de trabalho muito variada, cujos produtos apresentam como pontos em comum o fato de trabalharem os dados produzidos pela estatística demográfica moderna, que se agrupam por unidades administrativas fixas, tais como estados, cidades, capitais, unidades de população de determinados tamanhos, regiões históricas e conjuntos nacionais. Trata-se de trabalhos que abarcam da segunda metade do Século XIX até princípios do século atual. Sem mencionar as vantagens e inconvenientes de se trabalhar

⁷ Uma tentativa interessante de perfilar essas relações encontra-se em Lee (1988).

com dados agregados, gostaria de enumerar brevemente alguns dos tipos de trabalho que se realizaram a partir desta fonte.

Existe uma grande tradição de trabalhos em que se analisa a variabilidade regional e espacial de variáveis demográficas distintas, que vão desde a estrutura por idade da população e as correntes migratórias até a fecundidade, nupcialidade e mortalidade. O grau de sofisticação destes trabalhos e dos indicadores que empregam depende dos investigadores e das fontes empregadas. Muitos trabalhos pretendem explicar as causas de determinadas distribuições regionais de indicadores demográficos mediante modelos mais ou menos completos. Devemos boa parte do que sabemos sobre a evolução da fecundidade, nupcialidade, mortalidade, etc., durante a época citada, a trabalhos deste tipo. Cabe citar, muito rapidamente, os esforços do Projeto Europeu de Fecundidade, baseado em dados provinciais do conjunto da Europa, para aprofundar as causas da queda da fecundidade (Coale e Watkins, 1986); as investigações de Woods e Hinde (1985), incluindo os postulados originais de Hajnal (1965) sobre a nupcialidade; os modelos de McKeown (1976) e, mais recentemente, de Caselli (1991 e 1994), Vallin (1991) e Vallin e Meslé (1988) sobre a mortalidade e, em especial, sobre sua estrutura por causas; os trabalhos de Woods sobre o declínio da mortalidade infantil e, por último, o estudo de Baines (1985) sobre as correntes migratórias na Inglaterra e Galles. Estes são uma pequena amostra desta corrente de pesquisa que tem dado resultados de grande qualidade.

A Espanha não foi indiferente a esta corrente e, na atualidade, existe um número nada desprezível de trabalhos que exploram a variabilidade espacial de distintos indicadores. Além do mais, a Espanha oferece um quadro de análise especialmente rico devido à grande variabilidade espacial existente, que muitas vezes se insere numa clara regionalização dos fenômenos demográficos. Dentre os trabalhos que mais se destacaram situa-se a pesquisa de Reher et al. (1993) sobre o Censo de 1887; os estudos de Reher (1989 e 1990) e de Pérez Moreda (1985a e 1985b) sobre

conjuntos de variáveis demográficas; os trabalhos de Reher (1991), Rowland (1988) e de Cachinero Sánchez (1982) sobre a nupcialidade; o de Reher e Iriso Napal (1989) sobre a fecundidade; o estudo de Gómez Redondo (1992) sobre a mortalidade infantil; o trabalho de Dopico e Reher (a ser publicado em breve) com tábuas de vida na Espanha entre 1900 e 1930; os estudos de García Barbancho (1967) e, mais recentemente, de Sánchez Alonso (1995) sobre a migração; e a análise de Mikelarena Peña (1994) sobre as estruturas familiares na Espanha.

Todos estes trabalhos se referem, total ou parcialmente, ao período de 1860 (ou melhor, 1887) a 1930, mais ou menos o período da Restauração. Realizaram, em seu conjunto, uma importante contribuição aos nossos conhecimentos da Espanha durante este período. Esta linha de trabalho está longe de esgotar-se, sobretudo na Espanha, já que ainda existem muitos temas por serem estudados — por exemplo, a estrutura de população ativa em zonas urbanas e rurais do país, um fenômeno que está longe de ser bem conhecido.

Não obstante estes progressos, é preciso ter em conta que esse tipo de trabalho está sujeito às dificuldades que afetam qualquer estudo baseado em dados agregados (principalmente a falácia ecológica). Apesar de fazerem descrições demográficas com referências espaciais muito interessantes, estes estudos deixam muito a desejar quanto à explicação do fenômeno. Minha experiência a este respeito indica que, quando se faz uma pesquisa baseada neste tipo de fonte, a princípio existe uma grande ilusão, sobretudo quando aparecem os primeiros mapas, mas logo o investigador encontra muitas dificuldades em ir além da simples descrição geográfica. Os trabalhos ficam como se tivessem contribuído apenas para fixar o ponto de partida. Em países onde não existe uma cartografia básica das estruturas demográficas (como os da América do Sul) este tipo de trabalho tem muito a contribuir e é relativamente fácil de ser levado a cabo. Em países europeus, contudo, creio que este tipo de trabalho tende a escassear.

História da Família

Nos últimos 20-25 anos, os estudos históricos da família adquiriram uma enorme importância no campo da Demografia Histórica. A relevância histórica da instituição familiar é inegável e, nesse sentido, esta tradição de estudos não faz mais do que justiça à importância do tema.

Não obstante, o estudo empírico da família como instituição social é um fenômeno comparativamente recente, que data das investigações pioneiras de algumas das primeiras figuras relevantes no campo das ciências sociais. O trabalho de Frédéric Le Play (1877-79), centrado na microanálise de uma amostra de família, de pressupostos familiares, da distribuição do trabalho doméstico e de outros temas relacionados, foi e continua sendo essencial para qualquer estudo viável da família. Rowntree (1910) e Chayanov (1966 [1925]) são também pioneiros nesse campo. Todos estes pensadores insistiram na função da família como instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, submetida a condicionantes econômicos, sociais, culturais e demográficos, mas também com influência sobre a sociedade. Com ênfases diferentes, todos entenderam que a família está condicionada e pode também condicionar o mundo à sua volta, agindo como uma variável dependente e independente. Esta dualidade caracterizou a maioria dos trabalhos realizados ao longo deste século no campo da História da Família.

Em décadas recentes, o campo da História da Família adquiriu maturidade e dinamismo próprio, transformando-se em ponto de partida essencial de qualquer estudo da família em si. Com o propósito de estabelecer a relação das vidas de famílias com as de seus membros e com as realidades sociais, econômicas e políticas gerais dentro de diversos contextos históricos, o

crescimento deste campo foi fenomenal tanto em termos do número de publicações geradas quanto da profundidade e complexidade das questões tratadas.⁸

Como ocorre com frequência, o crescimento desse campo parte de certas idéias germinais e das inovações metodológicas que permitiram aos investigadores comprovar sua validade. Em muitos sentidos, o ponto de partida da História da Família como disciplina autônoma pode ser definido como a publicação em 1960 por Philippe Ariès de *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Neste estudo sobre a infância, Ariès sustentava que, na Idade Média, e até datas muito mais recentes, entre as classes baixas da sociedade, a família caracterizava-se por sua natureza pública, por sua sociabilidade e por seus laços de lealdade. Em algum momento nos princípios da Idade Moderna, a família "sociável" — cujos membros estavam unidos pelo sentimento, o costume e um estilo de vida próprio — foi substituída pela família "privada" ou "moderna", baseada no desejo de intimidade e na busca de identidade. Na família moderna, a infância converteu-se em uma das etapas da vida, sobretudo porque se reconheceu que a criança não está preparada para enfrentar a vida até receber um tratamento especial e a educação necessária. A nova família "retirava a promiscuidade imposta pela antiga sociabilidade" e foi, em sua origem, um fenômeno de classe média.

Ariès não só tentou buscar as origens da família "moderna", como também colocou os alicerces de um debate sobre que tipo de família prepara melhor as crianças para interagir em uma sociedade complexa e moderna: a família sociável do passado ou a família íntima do presente. Seu trabalho foi especialmente oportuno porque apareceu em um momento em que a Demografia, a

⁸ Para uma perspectiva geral dos avanços mais recentes neste campo, ver Hareven (1991). Uma visão anterior sobre o mesmo tema geral pode ser encontrado em Hareven (1987). Ver também os artigos reunidos no volume *Family history at the crossroads* (edição de Tamara K. Hareven e Andrejs Plankans, 1987) e Stone (1981). Ver também Laslett (1967).

Economia e a Educação estavam se unindo para prolongar a duração da infância em alta escala, não imaginável em outros tempos. Esta vinculação de pautas familiares históricas com os interesses e preocupações atuais da família foi uma das mais importantes contribuições de Ariès. Igualmente importante foi o fato de ele não ter hesitado em utilizar uma ampla variedade de fontes, desde a iconografia e memórias a dados demográficos, para abordar o tema da infância. Mesmo considerando que nem todos os historiadores da família se ocupariam diretamente das origens da família moderna, Ariès adotou este campo de direção (uma hipótese de trabalho) e de orientação metodológica.⁹ Em certo sentido, conferiu-lhe a aceitabilidade intelectual de que necessitava para crescer.

As demais contribuições foram mais estritamente metodológicas mas não menos importantes. Nos anos finais da década de 60, Peter Laslett e outros colaboradores começaram a se interessar em verificar a validade da idéia corrente de que a família conjugal surgiu como subproduto da Revolução Industrial e de que as formas anteriores da família tinham sido, em termos gerais, complexas e multigeracionais. Laslett sustentava que a maior parte do que se sabia sobre formas familiares anteriores se baseava em evidência subjetiva ou literária, fazendo falta uma base empírica mais científica ou contrastável. Assinalou os oblíquos padrões eclesiásticos e civis existentes em toda a Europa como fonte potencial de dados úteis e idealizou um esquema de classificação básico aplicável praticamente a qualquer lugar da Europa e também a muitas outras regiões do mundo.¹⁰ Em 1972, foi publicado um volume em que se descrevia este método e se apresentava os principais resultados obtidos em um congresso organizado em 1969 pelo Cambridge Group for the History of Population and Social Structure sobre a história comparada do domicílio e da família (Laslett e Wall, 1972).

Os resultados eram extremamente interessantes. Laslett parecia ter encontrado fundamentos sobre a existência do domicílio nuclear e conjugal em certas áreas da Europa em datas tão prematuras como o Século XVI, ou até mesmo anteriormente, muito antes de que tivesse acontecido alguma modernização da sociedade.

Contudo, mais importante do que esses resultados substantivos foi o fato de que Laslett havia descoberto uma fonte de dados e proposto um esquema de classificação que eram universalmente acessíveis e aplicáveis. Era o utensílio pelo qual estavam esperando os historiadores da família. Apesar de seus achados terem sido objeto de dúvidas e críticas, muitas vezes justificadas, não devemos subestimar a importância de seu esforço. Na atualidade, mais de 25 anos depois da grande inovação de Laslett, os historiadores da família seguem invariavelmente utilizando o domicílio como fonte essencial de dados sobre a família e aplicando algum tipo de esquema classificatório das estruturas do domicílio. Neste artigo, incorri em ambas as práticas.

A importância de Ariès e Laslett para o campo da História da Família não deriva de idéias ou métodos específicos. Sua influência foi muito maior: eles deram aos historiadores da família uma base sobre a qual construir novas hipóteses, novos métodos e novas linhas de indagação; eles contribuíram para fundar uma área inteira de investigação. Nenhum historiador da família pode evitar sua influência, apesar de este campo ter ultrapassado amplamente, há muito tempo, as questões, fontes e métodos originalmente propostos por eles.

O desenvolvimento da História da Família na Europa sempre esteve fortemente influenciado por uma ampla variedade de ciências sociais. Os trabalhos precursores são estudos de pessoas vindas de outras

⁹ Os trabalhos de Edward Shorter (1976) e Lawrence Stone (1977) encontram-se entre os mais importantes dedicados ao tema da formação da família.

¹⁰ O esquema classificatório original encontra-se em Laslett (1972). Este foi posteriormente refinado por Hammel e Laslett (1974).

áreas de interesse. Le Play era antropólogo, Chayanov, economista, Ariès, historiador da cultura da sociedade, e Laslett era, em vários sentidos, sociólogo histórico. Esta mútua fecundação revelou-se muito frutífera. A Demografia é um exemplo ao acaso. Na década de 50, Louis Henry, demógrafo de profissão, idealizou o método de reconstrução de famílias, que permitiu aos investigadores reconstruir as histórias reprodutivas das mulheres casadas diretamente a partir dos arquivos paroquiais (Henry e Fleury, 1956). Embora a reconstrução de famílias tenha sido considerada muitas vezes um método mais específico da Demografia Histórica do que da História da Família, ela demonstrou ser a chave para a compreensão científica da função reprodutora desempenhada pelas famílias. Desde seus primórdios, a Demografia Histórica e a História da Família têm sido campos complementares e sua influência mútua, considerável.

Muitos dos avanços mais recentes na História da Família podem ser atribuídos à influência de outras ciências sociais. Na década de 70, os estudos sobre o domicílio dominaram grande parte da produção bibliográfica no campo da História da Família, apesar de seus resultados terem sido freqüentemente criticados pelas limitações decorrentes de análises do domicílio simples em um ponto isolado no tempo. A incapacidade do domicílio para refletir, por exemplo, relações familiares mais amplas resultou em um forte incremento dos estudos baseados no grupo de parentesco e nas relações da família nuclear e seus membros com o grupo de parentesco amplo.

Os estudos de parentesco tiveram de basear-se em novas fontes de dados e terminou-se encontrando um equilíbrio entre

os estudos quantitativos e a "descrição pura e dura" baseada em uma grande variedade de fontes qualitativas (Wheaton, 1987; Hareven, 1991, pp. 109-111). Este tipo de enfoque, claramente inspirado no trabalho dos antropólogos, permitiu ao investigador abordar questões, tais como as estruturas de parentesco subjacentes na hora de determinar a intensidade e direção dos fluxos migratórios.¹¹ Os trabalhos sobre o ciclo vital da família e o curso da vida individual, assim como os estudos sobre o funcionamento de microeconomias familiares no contexto de estruturas e flutuações macroeconômicas, constituem outros exemplos de como a influência de outras ciências sociais, Sociologia e Economia neste caso, contribuíram para o campo da História da Família ao ampliar e reformular o marco analítico de muitas das questões centrais que afetam a vida familiar em contextos históricos.¹²

Meu propósito aqui não é oferecer uma perspectiva geral dos avanços recentes no campo da História da Família, algo já feito de forma muito mais competente por Tamara Hareven (1987 e 1991), nem ressaltar o caráter dinâmico deste campo e as estreitas relações que o vinculam a outras áreas das ciências sociais. Com respeito a estes dois pontos, os resultados deixam pouco lugar para dúvidas: a História da Família mantém-se em estado de rápida renovação e isto se deve, em grande parte, à influência da Antropologia, da Sociologia, da Economia e da Demografia. Além destas áreas diversas de investigação, o campo da História da Família encontra-se, hoje em dia, diante de dois grandes desafios.

Um dos desafios é a exploração em profundidade da capacidade da família para criar estratégias viáveis de sobrevivência em circunstâncias sociais, econômicas e

¹¹ O estudo de Viazzo sobre Aagna, nos Alpes italianos, é um excelente exemplo do tipo de análise que pode resultar de um enfoque interdisciplinar baseado em antropologia, História da Família e Demografia Histórica (Viazzo, 1989).

¹² Para uma perspectiva geral sobre os avanços dos estudos aplicados ao transcurso da vida, ver Elder Jr. (1987). No campo das economias familiares, que durante muito tempo esteve dominado pelo debate sobre a protoindustrialização, começou-se a abordar novas questões. Para uma perspectiva geral do estado atual desse debate, ver Rudolph (1992). A influência dos trabalhos de Gary Becker (1981) e de outros economistas, sejam ou não citados, sobre os estudos das economias de família é generalizada.

ecológicas variadas e muitas vezes em transformação. É inquestionável que as famílias eram unidades de tomada de decisão e que idealizavam estratégias destinadas a proteger seus membros e assegurar para si o máximo de benefício. As famílias estavam limitadas pelas estruturas e tendências econômicas predominantes, pelas estruturas sociais, por fatores culturais e por suas próprias realidades demográficas e econômicas. Tudo isso pode ser imaginado sem a necessidade de se consultarem documentos históricos. O desafio reside em documentar estas estratégias e avaliar sua eficácia e de que modo afetaram as sociedades em que estas famílias viviam. Sabe-se muito sobre as práticas matrimoniais e hereditárias da Europa, mas pouco sobre, por exemplo, o modo exato como as famílias empregavam o capital humano disponível e as implicações deste fato para as economias e sociedades locais. As questões que podem ser estabelecidas são muitas, mas todas elas apontam na direção da interação da família com o entorno social, econômico e cultural e da família como instituição intermediária entre a sociedade e o indivíduo.

Por extensão, outro grande desafio é voltar a abordar a questão da mudança a longo prazo nas pautas familiares e sua relação com o processo de mudança histórica. O aparecimento da família moderna foi essencial em todo o trabalho de Ariès e em muitos outros. Os trabalhos realizados sobre protoindustrialização, por exemplo, representaram a intenção de situar as estratégias familiares no centro do processo de transição à economia industrial.

Há, não obstante, outras questões que são apaixonantes, mesmo com menor carga ideológica. Os efeitos da transição demográfica sobre os processos de formação de família e as redes de solidariedade familiar; a interação entre a família e o crescimento do Estado, especialmente nas áreas de

educação e bem-estar; o papel da família no processo de urbanização das sociedades históricas; gestão da propriedade, práticas hereditárias e estratégias matrimoniais em tempos de crescimento ou estagnação demográfica em um mundo densamente povoado ou em um mundo relativamente vazio, estas são somente algumas das questões que requerem novas investigações, e poderíamos apontar muitas mais. São os "grandes" temas, que exigem um tipo de investigação imaginativa e respostas abrangentes. Mas todos eles têm o denominador comum da família em sua dupla função de instituição modelada pelas ondas da História e agente ativo destes mesmos processos de mudança histórica.

Inicialmente, o desenvolvimento da História da Família concentrou-se no Norte da Europa e Estados Unidos, ficando a região mediterrânea para trás. Em anos recentes esta situação começou a mudar. Na Itália, os trabalhos de Barbagli (1984), Delille (1985) e Kertzer (1984) contribuíram muito para estimular um forte interesse neste campo, o que rendeu excelentes resultados¹³. Na Espanha e Portugal, o progressivo interesse pela História da Família foi similar ao italiano, embora se tenha iniciado posteriormente e ainda esteja menos desenvolvido. Grande parte da atenção inicial foi gerada por grupos de pesquisa de Barcelona, Murcia, Palma de Mallorca, Bilbao, Santiago de Compostela e Lisboa, a maioria dos quais reproduziu com entusiasmo grande parte da História da Família francesa, inglesa e, em menor medida, italiana.

Em 1987, David Kertzer e Caroline Brettel realizaram um levantamento do "estado das artes" deste campo na Itália e na Península Ibérica. Seu trabalho constitui um bom testemunho do caráter recente deste campo e do grau de sua dependência, tanto metodológica quanto conceitualmente, dos avanços originados no Norte da Europa. Infelizmente, o artigo de Kertzer e Brettell está

¹³ Para um exemplo do que se está realizando no campo da História da Família na Itália, ver o número monográfico do *Journal of Family History* (vol. 15, n. 4, 1990).

defasado. Os perfis descritos pela História da Família ibérica são bastante distintos dos descritos em outros países, mesmo sendo ainda perceptível um grau de imitação das interpretações elaboradas na França e na Inglaterra. Apesar disso, o número de publicações e, o que é mais importante, sua qualidade aumentaram substancialmente nos últimos anos. O trabalho de uma série de autores, a maioria bastante jovens, está levando a História da Família espanhola até sua maturidade.

Se levássemos a cabo uma simples revisão das pessoas que trabalham na área de História da Família na Espanha não seria difícil constatar a existência daquela mútua fecundação que caracterizou o desenvolvimento deste campo em outros pontos da Europa. Os historiadores adotaram certos métodos e temas próprios das ciências sociais, e antropólogos, sociólogos e demógrafos renovaram seu interesse no passado. O resultado foi muito positivo. A Antropologia, mais do que nenhuma outra disciplina, proporcionou-nos muito do que sabemos sobre as pautas familiares tradicionais e históricas na Espanha. Os demógrafos e, especialmente, os historiadores da população também começaram a trabalhar ativamente neste campo, e grande parte da atual produção em história familiar é obra deles.¹⁴ A Sociologia e a Economia também têm sido influentes, particularmente em termos conceituais e metodológicos.¹⁵ É provável que este caráter interdisciplinar da História da Família se aprofunde e se intensifique nos anos futuros.

A História da Família na Espanha compartilha de muitos dos mesmos desafios que enfrenta em outras áreas da Europa. Não obstante seu recente crescimento, é ainda um campo novo e que carece de grande parte da profundidade conceitual e metodológica

que se observa em outros campos. Na Espanha, a História da Família enfrenta dois desafios adicionais. Um deles é desenvolver um maior refinamento metodológico, na medida do possível, considerando especificamente o caráter das fontes concretas que lá existem. O outro é aprofundar e ampliar suficientemente nosso conhecimento empírico das formas familiares de um país de grande diversidade cultural, de modo a nos permitir gerar hipóteses de trabalho interpretativas que proporcionem a base para debates frutíferos em torno do desenvolvimento da família na Espanha. Esta é a única maneira pela qual este campo poderá adquirir a maturidade necessária. Espero que estas páginas sejam uma contribuição útil a esta tarefa.

O estado atual e as perspectivas da investigação em Demografia Histórica

Podemos analisar várias características da investigação em Demografia Histórica que deverão influir em seu desenvolvimento em anos futuros. Algumas delas apontam para um campo que está mudando rapidamente. Muitos dos referenciais básicos que dominaram as pesquisas nos últimos 20 anos estão prestes a desaparecer, ou pelo menos estão sofrendo importantes mudanças. Gostaria de enumerar aqui, rapidamente, alguns deles. Nos últimos 40 anos, a Demografia Histórica colheu muitos e merecidos êxitos. Esse parece ser um bom momento de se fazer um balanço. Já vimos de onde veio o campo. Resta saber aonde estamos e para onde vamos.

Países e escolas em alta e em baixa

Nos últimos anos vem-se produzindo um importante reordenamento do campo da Demografia Histórica no que diz respeito aos

¹⁴ Um número importante dos trabalhos que se realizam em História da Família encontra-se nas publicações da Associação de Demografia Histórica - ADEH. Em 1995, por exemplo, a ADEH organizou, direta ou indiretamente, dois seminários dedicados total ou parcialmente ao tema da História da Família espanhola e portuguesa.

¹⁵ Para uma perspectiva geral da sociologia da família na Espanha, ver Iglesias de Ussel y Flaquer (1993). Ver também as diversas contribuições ao número monográfico sobre sociologia da família da *Revista Internacional de Sociología* (Tercera Época, n. 11, 1995).

centros motores da disciplina. Esta mudança tem sido visível há anos, mas seus efeitos são muito evidentes na atualidade. A seguir, quero assinalar algumas destas mudanças, assim como os pontos fortes e fracos do tipo de investigação que se efetua em cada contexto. De início, há que se assinalar o papel relevante que adquiriu a Demografia Histórica na França (sua origem) e, em menor medida, na Inglaterra, e a sua influência em todo o mundo. O predomínio histórico destas duas escolas passa por um processo de mudança radical.

Há vários anos podemos observar um declínio preocupante da escola da Demografia Histórica na França. Os sinais de declínio eram visíveis desde o relativo fracasso de seu grande projeto de reconstrução da população francesa e o gradual isolamento de Louis Henry. Entretanto, no final dos anos 70 e durante a década seguinte, apareceram obras muito importantes de autoria do "sucessor" de Henry (Jacques Dupâquier) e de outros da geração seguinte. Cabe citar os estudos de Dupâquier (1979) sobre a bacia parisiense, de Alfred Perrenoud (1979) sobre Genebra, de Jean Pierre Poussou (1983) sobre Burdeos e, em especial, a grande reconstrução de famílias em Rouen de Jean Pierre Bardet (1983). Mapear as novas gerações tem sido difícil e, apesar de se contar com alguns historiadores de qualidade (Alain Blum, Alain Bideau, Patrice Bordelais e outros) e de se trabalhar com um nível de competência além do aceitável, os trabalhos realizados já não despertam interesse apenas entre outros historiadores da população. Este declínio da Demografia deu-se paralelamente ao declínio gradual de toda a historiografia francesa. O legado de grandes franceses (Henry, Braudel, Ariès, etc.) não encontrou, por ora, sucessor.

O papel relevante da *Inglaterra* continua intacto, com destaque para o Cambridge Group for the History of Population and Social Structure. De fato, nos últimos 25 anos, dos projetos de pesquisa importantes na temática, dois saíram deste grupo: um sob a direção de

E.A. Wrigley e Roger Schofield e outro dirigido por Peter Laslett. Em 1997, foi publicado o resultado do estudo de Wrigley, Shofield et al. baseado na reconstrução de famílias de 16 paróquias inglesas.¹⁶ Não obstante, também na Inglaterra, não é fácil mapear a "nova geração". Peter Laslett, apesar de sua imensa atividade, está bastante idoso; Roger Schofield teve problemas de saúde e Anthony Wrigley está voltado mais para a História Econômica do que para a História da População. Atualmente, Richard Smith lidera o grupo de maneira sagaz, mas será difícil que consiga dar à sua equipe de bons pesquisadores a proeminência que antes tiveram.

Na Inglaterra existem outros centros importantes de pesquisa. Cabe mencionar o grupo de Liverpool, sob o comando de Robert Woods, que está fazendo valiosos trabalhos sobre o declínio da mortalidade e a transição de outras variáveis demográficas com um caráter marcado de geografia humana e baseando-se, em boa medida, em dados agregados. Enfim, a pesquisa empreendida na Inglaterra prossegue com força, ainda que dificilmente volte a ser tão relevante no campo como foi entre meados dos anos 60 e 80.

Em outros países do *centro e norte do continente europeu* continua existindo um grupo pequeno, mas forte, de historiadores da população. Os mais importantes entre eles são os suecos, cuja geração nova vem sendo liderada por Anders Brandstöm e Tommy Bengtsson. Uma característica da Demografia Histórica sueca é ser muito sofisticada metodologicamente, ainda que seus estudos tendam a ter pouca expressão. A grande qualidade dos dados demográficos suecos, que se observa desde a primeira metade do Século XVIII, talvez esteja na origem deste aspecto de seu trabalho. Na Holanda, Bélgica e Alemanha existe também um bom número de jovens que trabalham no campo.

As verdadeiras novidades no campo da Demografia Histórica na Europa provêm de seu flanco sul, onde o ressurgir do interesse

¹⁶ Acrescentado pelo revisor técnico.

pelo estudo da população nos últimos 20-25 anos foi fenomenal. Em 1970, à exceção dos trabalhos pioneiros de Nadal na *Espanha* e de Livio Bacci na *Itália*, sabia-se muito pouco sobre o passado demográfico da região. A diferença entre o Sul e o Norte da Europa era muito grande. Hoje, isto não reflete a realidade. A partir do final dos anos 70 e princípio dos 80 produziu-se um forte impulso da disciplina nestes países. Esta renovação baseou-se em dois pilares: a criação de associações destinadas a estimular a disciplina e o surgimento de pessoas relevantes que realizaram um trabalho valioso de convencimento acerca da importância deste tipo de investigação.

La Società Italiana de Demografia Histórica - SIDES - e a Asociación de Demografía Histórica - ADEH -, esta última fundada em 1983, tiveram enorme influência nesse processo. A ADEH tem hoje mais de 400 sócios, sobretudo na Espanha e em Portugal, e publica há 13 anos uma revista de grande prestígio. A SIDES e, em menor medida, a ADEH também voltaram suas energias para a organização de congressos, a publicação de atas e a promoção de jovens pesquisadores.

É impossível não associar a Demografia Histórica na Itália com Massimo Livio Bacci, Lorenzo del Panta, Carlo Corsino — a célebre escola de Florença —, bem como ao trabalho de outros pesquisadores importantes como Enio Sonnino, Giovanna da Molin e muitos outros. Livio Bacci e del Panta são insubstituíveis, mas alguns jovens pesquisadores ainda darão o que falar (Marco Breschi, Gustavo de Santis, entre outros). Na Espanha, o exemplo de Jordi Nadal e de Vicente Pérez Moreda foram imprescindíveis para o progresso do campo, mas existem no país, hoje, muitos pesquisadores que se estão iniciando em uma disciplina que ainda parece jovem.

Na *América do Norte*, o impulso que o Canadá provocou — em especial a equipe de Montreal — no campo da Demografia Histórica fê-lo destacar completamente dos Estados Unidos. Neste último país, não há uma equipe de pesquisa com proeminência, e sim pessoas que trabalham isoladas em muitas universidades do país e que somente

se encontram em reuniões da Social Science History Association ou da Population Association of America. Nesse sentido, funcionam como uma organização. Vários pesquisadores dirigem atualmente projetos nas universidades de Pennsylvania, Michigan, Indiana, Minnesota, Califórnia (Berkeley), Texas, Wisconsin e várias outras. Na realidade, porém, não podemos falar em uma "escola" norte-americana embora haja muito incentivo à disciplina no país.

A *América Latina* tem uma história de altos e baixos nos estudos de história da população. Ao lado de figuras solitárias como Woodrow Borah, Sherborne Cook e, mais tarde, Nicolás Sánchez Albornoz, que fizeram grandes contribuições durante a década de 60 e 70, observam-se períodos de aparente inatividade. As longas distâncias e a má distribuição das publicações constituem um problema muito grave para o desenvolvimento do campo no continente. Contudo, a História da População latino-americana continua despertando muito interesse, tanto entre investigadores latino-americanos como europeus e, sobretudo, norte-americanos. Prova deste interesse foi a publicação do volume *História e população. Estudos sobre a América Latina* (ABEP/IUSSP/Celade, 1990), que reúne trabalhos de excelente qualidade, resultado de uma reunião ocorrida em Ouro Preto (MG) em 1989.

Os países latino-americanos que mais progrediram nos estudos de população foram o México e, em menor grau, Brasil, Argentina e Costa Rica. Destaca-se o talento de Jorge Somoza (que também é demógrafo) e a qualidade dos trabalhos de Robert McCaa, Maria Luiza Marcílio e, sobretudo, de Héctor Pérez Brignoli.

Por fim, na *Ásia* o campo da Demografia Histórica está em pleno auge. Isto se deve, sobretudo, aos esforços de alguns investigadores em explorar fontes que anteriormente não eram objeto de análise demográfica, mas também ao empenho do Comitê de Demografia Histórica da IUSSP, que organizou duas reuniões importantes na região nos últimos três anos — em Kyoto, em 1994, e em Taipei, em 1996. Estas reuniões têm sempre um efeito positivo sobre o

desenvolvimento regional do seu campo de investigação, já que os participantes saem delas com mais entusiasmo e vontade de promover o campo da Demografia Histórica.

Neste renascimento da Demografia Histórica na Ásia destacam-se os trabalhos realizados sobre o Japão e a China (sempre baseados em fontes novas), assim como os centrados no subcontinente Índico (com base nas estatísticas da administração colonial britânica). Em janeiro de 1996 foi realizada a primeira Conference on the Population History of Asia, em Taipei (Taiwan), com a participação de 60 pesquisadores. Tive a sorte de estar presente ao evento, do qual saí com a impressão de ter presenciado o nascimento de uma disciplina ou o começo de uma época importante.

Presente e futuro da Demografia Histórica

Os trabalhos publicados recentemente no campo da Demografia Histórica indicam que a **disciplina está** estão tomando rumos diferentes que marcarão seu desenvolvimento futuro. Nesta seção gostaria de mencionar alguns deles.

Nos últimos anos houve um progressivo abandono do método de reconstrução de famílias como método orientador da pesquisa em Demografia Histórica. Nas revistas especializadas não se publicam mais trabalhos baseados em tal método. As razões deste abandono, inclusive na Espanha, onde o número total de reconstruções não passa de 20, são os problemas já citados do método: sua elaboração, a dificuldade de visualizar processos de mudanças com precisão, sua tradicional restrição a épocas relativamente remotas do passado, etc. Na Europa existem poucos trabalhos desta natureza acerca do período da transição demográfica. Cabe mencionar o estudo recente de Angels Torrents sobre uma paróquia catalã entre os Séculos XVIII e XX, apesar de o tamanho da amostra ter impedido de visualizar o processo de mudança com a necessária complexidade.

Estaria acabada a reconstrução de famílias como forma de conhecer as popu-

lações do passado? Talvez sim, talvez não. Pessoalmente, creio que **existe uma grande necessidade** de aplicar o método ao período da transição demográfica como a única forma de apreciar de maneira razoável as verdadeiras dimensões das mudanças demográficas e dos fatores que influíram nas mudanças de comportamento das mulheres. Enfim, creio que há muito o que fazer neste sentido. Quanto ao espírito das *monographie du village*, acho que desapareceu, talvez para sempre.

Os estudos que utilizam técnicas de reconstrução da população mediante séries temporais alcançaram prestígio entre os historiadores da população desde a aparição do livro de Wrigley e Schofield, e podemos prever que este prestígio deverá ser mantido nos anos vindouros. Existem muitas regiões européias que carecem de reconstruções desta natureza, mas supõe-se que as realizarão pouco a pouco. Na Itália e na Espanha, projetos estão sendo desenvolvidos no sentido de se criarem amostras nacionais de séries locais com o fim de elaborar tais reconstruções. A possibilidade de aplicar esta técnica a outros países fora do contexto europeu é duvidosa devido à qualidade das fontes existentes, que não asseguram um grau aceitável de confiabilidade.

Trabalhos com base em dados censitários continuam em alta. Nos últimos anos apareceram estudos interessantes sobre os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha e outros países. Não obstante, o número de temas que se pode abordar é limitado pela natureza da fonte: as tabelas publicadas. Por isso, creio que gradativamente se abandonará esta perspectiva onde mais se tem trabalhado nela (Inglaterra, por exemplo). O aparecimento de grandes amostras baseadas nos registros censitários nos Estados Unidos promete bons resultados nos próximos anos. É possível que essa linha seja majoritária, **já que em muitos países os registros paraquais foram destruídos** (me parece, na Espanha), ou existe dificuldade para **acreditar** neles com eles. Existem amostras similares na Argentina (1869, 1895), Inglaterra (1851) e talvez para outros países (ver Ruggles, 1993).

A transição demográfica e a transição epidemiológica concentram o interesse de boa parte dos investigadores do campo. Devido à evidente importância do tema, é previsível que este interesse continue no futuro. Não obstante, é importante salientar a absoluta necessidade de renovar a forma como se tem abordado a questão. Os estudos baseados em dados macro, em censos e estatísticas vitais publicados já alcançaram bons resultados. Na Espanha, na realidade, a única inovação que se pode realizar com fontes censitárias são as análises de mortalidade, particularmente em relação às tábuas de vida e às causas de morte. Em outros países, onde os estudos têm sido mais sistemáticos, o uso dos censos já não parece ser viável. Por isso, é preciso alcançar uma perspectiva nova do fenômeno, com os matizes necessários, para não se incorrer numa visão superficial e insatisfatória. Forçosamente, deve-se lançar mão dos enfoques microanalíticos para melhor compreender este processo de mudança histórica.

A História da Família é um campo no auge em muitos países do mundo hoje e permanecerá assim em um futuro próximo. O tipo de estudo realizado não tem outra alternativa a não ser abandonar progressivamente o estudo das estruturas familiares e entrar no terreno dos processos de mudança da família, das transições dentro da família e da forma como as famílias fazem a intermediação entre o indivíduo e a sociedade, em seu conjunto. Este é um tema atrativo pela conexão com temas que afetam a família na atualidade.

Também parece aconselhável afastar-se, na medida do possível, da ótica do "povo" ou deste ou daquele grupo social dentro de uma localidade, a fim de aproximar-se das opções acessíveis às distintas famílias em termos de suas realidades demográficas, econômicas, sociais e também geográficas. Assim, veríamos de forma mais detalhada os processos de tomada de decisão ou de distribuição de riqueza dentro das famílias. Pessoalmente, gostaria de ter respostas para algumas perguntas: Como mudavam as estratégias matrimoniais e de herança das famílias em função do número e distribuição

por sexo de filhos e de suas opções econômicas? A classe social de nascimento influencia no acesso das mulheres à alfabetização? Estas são questões importantes para compreendermos como a família influenciava a vida de seus membros, ainda que esta seja uma **forma de investigação** pouco explorada. Em minha opinião, é preciso mudar a mentalidade entre os historiadores, a fim de que possam ver a realidade histórica da família de maneira realista.

Há muito o que fazer nos estudos de migração, de micro a macroperspectivas. Recentemente, foi publicado um interessante estudo das migrações transoceânicas espanholas, baseado em dados do censo e nas estatísticas de passageiros de navios (Sánchez Alonso, 1995), o qual, junto com outros trabalhos na mesma direção, estão contribuindo para esclarecer o processo migratório em seu conjunto.

As migrações internas anteriores ao Século XX não receberam um estudo similar, apesar de existir uma boa amostra de estudos pontuais sobre as migrações internas editada por Eiras Roel e Rey Castelao (1994). Logo, um desafio no campo dos estudos migratórios, tanto internos quanto internacionais, consiste em relacionar, de modo claro e específico, o migrante ao seu contexto de origem e de chegada — um enfoque micro por excelência que bem poderia ser considerado uma sociologia e uma economia das migrações. Por outro lado, a Espanha não está analisando o fluxo migratório de grande importância acontecido entre 1955 e 1980.

Perspectivas, desafios e dificuldades do futuro

Apesar de a história da Demografia Histórica ser a crônica de um êxito, é evidente que, na atualidade, ela se encontra em um momento em que é preciso renovar os enfoques tradicionais e revisar as metodologias utilizadas até então. Do contrário, o campo corre o perigo de ficar estagnado, fora das correntes de renovação que se vêem nas ciências históricas e nas ciências sociais. Neste último tópico, gostaria de dar algumas

opiniões sobre o caminho que o campo deverá tomar no momento e até aonde deverá ir, bem como sobre se será mantido o vigor das últimas décadas. Renovar ou morrer?

Há poucos anos, o Comitê de Demografia Histórica da IUSSP organizou um seminário em Palma de Mallorca sobre o estado atual da metodologia neste campo. Participaram do evento diversos pesquisadores relevantes e a Oxford University Press publicou uma seleção dos trabalhos apresentados em uma coletânea intitulada *Old and new methods in historical demography* (Reher e Schofield, 1993).

Nessa seleção podemos ver uma antecipação do futuro da Demografia Histórica, ao menos em termos de metodologia. Seis dos 21 trabalhos publicados tratavam, de uma forma ou de outra, de análises de séries temporais. Dentre as contribuições apresentadas inclui-se um artigo global de Ronald Lee (1993), bem como propostas metodológicas sofisticadas de reconstrução da população e de análise de séries temporais. Há também uma série de contribuições sobre técnicas de acoplamento nominativo e reconstrução de famílias. Não há nenhum trabalho sobre a reconstrução de famílias em si, mas foram selecionados vários outros que enfocavam as famílias reconstruídas — e outros tipos de dados sobre indivíduos — como histórias vitais suscetíveis de tratamentos estatísticos muito em voga como, por exemplo, o *event history analysis* (análises de biografias individuais). Por outro lado, houve a intenção de combinar as análises de séries vitais com a de biografias individuais, com resultados interessantes. Finalmente, foram publicados três trabalhos sobre técnicas de microsimulação e quatro artigos expondo ao público fontes e técnicas novas.

Essa seleção de trabalhos nos dá uma idéia de pelo menos parte do futuro do campo da história da população: seguir-se-á trabalhando sobre séries vitais. Os trabalhos micro continuarão sendo realizados, seja por reconstrução de famílias ou de outras maneiras, mas com uma mentalidade totalmente oposta à antiga *monographie du village*. Estas são agora concebidas como

fontes de informação de onde se pode pesquisar a vida dos indivíduos em função de seus contextos sociais e econômicos e de sua própria experiência anterior. Na realidade, as famílias reconstruídas sempre reuniram esse tipo de informação, mesmo que as atitudes dos pesquisadores ante elas fosse muito distinta. Finalmente, a importância de novas técnicas, de novas fontes e de novas maneiras de explorar as fontes estará na ordem do dia na Demografia Histórica.

Nos trabalhos do citado volume, como em muitos outros incluídos em diversas publicações, aprecia-se uma progressiva sofisticação no tratamento e análise dos dados. As técnicas de análise estatística econométrica estão cada vez mais amplas, assim como as microsimulações e outros tipos de técnicas sofisticadas. Continuam a ser publicados trabalhos com um aparato estatístico simples, mas nos meios internacionais a presença de trabalhos sofisticados é cada vez mais visível. Na Espanha isso ocorre em menor grau. Por um lado, esta sofisticação traz benefícios, já que coloca à disposição dos pesquisadores instrumentos de análise que permitem extrair resultados mais matizados e também mais profundos dos dados à sua disposição. Por outro lado, também possui um lado negativo. O público que lê história da população é um público de historiadores e, em menor medida, de outros estudiosos das ciências sociais. Boa parte deste público leitor não compreende ou lê com muita dificuldade estudos que se utilizam de técnicas sofisticadas de análises estatísticas. Se a nova Demografia Histórica não levar isto em conta, poderá perder o contato com a sua base real de interesse. Se isso ocorresse seria uma grande perda para a disciplina e, possivelmente, sua condenação ao ostracismo. É preciso não perder de vista os que realmente lêem nossos trabalhos.

Outro desafio da Demografia Histórica nos anos futuros é continuar atraindo o interesse das ciências sociais. Naturalmente, nos referimos antes de tudo à Demografia, sem por isso descartarmos a Economia, a Sociologia e a Antropologia. Até o momento nosso campo teve êxito nesse aspecto, já que

essas disciplinas têm encontrado na História o campo de provas **idôneo** de suas idéias e interpretações sobre as sociedades atuais. Unicamente lançando mão da História estes campos podiam e ainda podem comprovar a validade de suas idéias com uma dimensão temporal.

Os historiadores da população também saberão formular suas próprias questões, iluminando suas investigações em função dos interesses e preocupações das sociedades atuais¹⁷. Tradicionalmente, as sociedades atuais, e portanto as ciências históricas, se reconheceram à luz de sua própria experiência histórica. Mas, as questões que formularam ante a História mudaram segundo os contextos em que vivem as sociedades. Os historiadores da população têm de desenvolver uma sensibilidade muito grande para estas questões atuais e utilizá-las para estabelecer nossas próprias investigações. O tema do envelhecimento e da senilidade, o fluxo migratório, a realidade de uma pressão da população sobre os recursos naturais em muitas partes do mundo, os problemas derivados de uma baixa (ou uma alta) fecundidade e os condicionantes que influem na formação de domicílios são algumas preocupações que, bem formuladas, podem delinear perfeitamente a experiência histórica.

Relacionado a esse ponto está o desafio que têm diante de si os historiadores da população de perder o medo quase atávico do Século XX, ou ao menos do período posterior à Segunda Guerra Mundial. Ao menos na Espanha, o período que vai do final do Século XIX a princípios do Século XX foi bastante ignorado, em geral, pela Demografia Histórica. Somente em épocas recentes esse período começou a ser objeto de um bom número de análises demográficas, e quase nada se tem feito para os anos mais recentes. Esta omissão deveu-se ao fato de os historiadores considerarem, instintivamente, esta história mais próxima de um terreno dos cientistas sociais, bem como a influência da tradição herdada da Demografia Histórica

francesa, onde a maior parte dos trabalhos terminava no início do Século XIX. Por fim, creio que, inconscientemente, um certo complexo de inferioridade de muitos historiadores da população em relação às ciências sociais os induziu a excluir de sua competência uma parte considerável desse campo de análise.

É imperativo que a Demografia Histórica leve a sério temas analíticos próprios do Século XX, por várias razões. Em primeiro lugar, por estar o século a ponto de terminar, muitos temas já não são rigorosamente atuais (o *baby boom*, por exemplo, ocorreu há quase meio século). Em segundo lugar, o Século XX encerra alguns dos temas chaves no devenir histórico das populações, temas cuja compreensão se ampliará muitíssimo com enfoques históricos e que continuam tendo uma grande atualidade. O principal deles certamente é a transição demográfica, cujo conhecimento está longe de ser o desejável. Entretanto, esse não é o único tema; a transformação histórica das dinâmicas migratórias em meados do século atual é outro deles. Por fim, os historiadores da população podem apontar perspectivas para esse tema que nos ajudem a compreendê-lo. Serão perspectivas complementares às das ciências sociais e, portanto, perspectivas enriquecedoras. Entrar em um século no seu final exige que os historiadores aprendam a manejar fontes diferentes e a utilizar métodos novos. Mas a transição vale a pena, já que será a chave de uma parte da renovação necessária da história da população.

Para qualquer tipo de microanálise, cruzar informações de diferentes tipos de fontes é e será sempre essencial para configurar novas questões. No futuro, sobretudo se o campo da história da população pretende aprofundar seus planteamientos básicos, será preciso ir muito mais além nessa linha. A reconstrução de famílias é, em si mesma, o resultado do cruzamento de três fontes distintas (batismos, matrimônios e falecimentos). Mas é preciso ampliar nossas

¹⁷ Também têm que formular tais questões em função das preocupações da História, mesmo que estas estejam sendo influenciadas pelo mundo atual.

fontes de dados com informação individual (micro), com fontes de caráter cultural, social e econômico referidas precisamente a esses mesmos indivíduos. Além disso, quando essa informação individualizada conseguir retratar a vida das pessoas, será possível chegar a resultados bem mais detalhados e, portanto, plausíveis do que quando vemos os indivíduos em um só momento do tempo.

Temos de abordar questões, tais como: de que modo o sistema familiar vigente influia no comportamento das pessoas que tiveram este ou aquele resultado em suas pautas reprodutivas, ou em suas mudanças econômicas? O comportamento reprodutivo das mulheres variava com o término de sua experiência anterior em matéria de fecundidade e mortalidade, ou em função do seu acesso à leitura, ou pela terra que possuía? São boas perguntas, e muitas mais poderiam ser formuladas. Contudo, já não é possível estabelecer tais questões abstratamente, senão em função dos indivíduos cujos destinos conhecemos. A qualidade da investigação neste terreno dependerá da validade de nossas formulações e da riqueza dos dados que manejamos.

É inquestionável que, nos próximos anos, a Demografia Histórica, fora de seu berço original, se fará cada vez mais relevante. Nesse sentido, Sul da Europa, América Latina e Ásia desempenharão um papel relevante no campo. Normalmente, os trabalhos realizados nessas regiões carecem da sofisticação que encontramos na Inglaterra, França ou Suécia, mas o interesse e a ilusão que despertam ao descobrir o passado são fontes de satisfação maiores do que a proporcionada por um estudo sofisticado sobre este ou aquele aspecto pequeno da história da população desse país. Muitos investigadores do berço da Demografia olham com certa displicência o trabalho dessas regiões emergentes. Enganam-se. Está aqui o verdadeiro futuro de nossa disciplina.

Em todos os níveis de investigação em Demografia Histórica (tanto micro quanto macro) devemos ir além da simples descrição do passado demográfico de cada contexto,

sobretudo em zonas onde já se conhecem bem os perfis básicos de tal passado. A maneira de empreender esse caminho consiste em inserir os comportamentos demográficos em seus contextos adequados — sociológicos, econômicos, históricos, etc. Mesmo que isso se venha realizando desde o início da disciplina, é evidente que, em muitos casos, a imensa maioria do esforço de pesquisa se orientou para a reconstrução do passado demográfico e não para a sua explicação.

Deve-se fazer isso de forma explícita, afastando-se de generalidades. Voltar aos traçados básicos de Malthus, de Hajnal, de Mckeown e de muitos outros, mas não para utilizá-los como fatores explicativos, uma espécie de *deus ex machina* da Demografia Histórica, e sim para comprovar sua validade à luz da experiência histórica. Como se produziram as interações entre economia e população? Como as estruturas sociais vigentes em cada contexto influíram na maneira como os jovens buscavam seu par? A propensão de abandonar ou não uma criança ou de deixá-la morrer existia em função dos valores professados por uma sociedade, ou das economias domésticas de cada um? São questões muito importantes e poderíamos enumerar muitas mais que não podem ser abordadas sem se ter presentes os contextos individuais, sociais, culturais e econômicos. O caminho a seguir passa por aí e é preciso empreendê-lo com idéias, imaginação, profissionalismo, preparação técnica e vontade de trabalhar.

O principal desafio a ser enfrentado pela disciplina consiste em identificar essas novas perguntas, em renovar um discurso já muito conhecido. Parece-me que, mais que uma questão de quantidade — de famílias, de povoados, de métodos —, o maior desafio está em aumentar a qualidade do nosso discurso, das questões que colocamos no passado e da forma como exploramos nossos dados para dar respostas a essas questões. Creio detectar uma certa febre micro-informática, como se fosse a solução de todos os problemas. Não é a verdade. Há

quem pense que a utilização da informática coincidiu na Europa e na América com uma grande profusão de dados e resultados e uma curiosa carência de idéias. Ao menos se pode assegurar que a profundidade analítica não avançou com a quantidade de dados disponíveis.

Em termos gerais, isso pode ser fatal para uma verdadeira renovação da De-

mografia Histórica. O futuro do campo está nas idéias e nos questionamentos, e não nas máquinas. Se não nos aprofundarmos em nossas idéias, colocando problemas difíceis e obtendo respostas, mesmo que parciais, a Demografia Histórica na Espanha e em Portugal e no resto do mundo não irá a nenhuma parte e deixará de interessar até a seus próprios adeptos.

Bibliografia

- AMORIM, Norberta S. Bettencourt. *Guimarães 1580-1819: estudo demográfico*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
- _____. Reconstituição de paróquias e análise demográfica: estudo comparativo de gerações nascidas em duas paróquias periféricas de Portugal entre 1680 e 1850. In: REHER, D. (Coord.). *Reconstituição de famílias e outros métodos microanalíticos para a história das populações: estado actual e perspectivas para o futuro. Actas do Terceiro Congresso da ADEH*, Braga: Biblioteca das Ciências do Homem, p. 35-64, 1995.
- ARDIT, Manuel. Un ensayo de proyección inversa de la población valenciana (1610-1899). *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, v. 9, n. 3, p. 27-48, 1991.
- ARIÈS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Librairie Plon, 1960.
- BAINES, Dudley. *Migration in a mature economy*. Emigration and internal migration in England and Wales, 1861-1900. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BARBAGLI, Marzio. *Sotto lo stesso tetto: mutamenti della famiglia in Italia dal XV al XX secolo*. Bolonha: Il Mulino, 1984.
- BARDET, Jean Pierre. *Rouen aux XVIIe et XVIIIe siècles: les mutations d'un espace social*. Paris: Société d'Éditions d'Enseignement Supérieur, 1983, 2 v.
- BLAYO, Yves. La mortalité en France de 1740 à 1829. *Population*, Paris, v. 30, p. 124-142, 1975.
- BOURGEOIS-PICHAT, J. Évolution générale de la population française depuis le XVIIIe siècle. *Population*, Paris, v. 6, n. 4, 1951.
- CACHINERO SÁNCHEZ, Benito. La evolución de la nupcialidad en España, 1887-1975. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Madrid, v. 20, p. 81-99, 1982.
- CASELLI, Graziella. Health transition and cause-specific mortality. In: SCHOFIELD, R. S., REHER, D. S., BIDEAU, A. *The decline of mortality in Europe*. Oxford: Clarendon Press, 1991. p. 68-98.
- _____. National differences in the health transition in Europe. Indiana: Population Research Institute, 1994. (Working paper)
- CHAYANOV, Alexander V. The theory of peasant economy. In: THORNER, D., KERBLAY, B., SMITH, R. E. F. Homewood, Illinois: R.D. Irwin, 1966.
- COALE, Ansley J., WATKINS, Susan Cotts (Eds.). *The decline of fertility in Europe*. Princeton: Princeton University Press, 1986.
- DELILLE, Gérard. *Famille et propriété dans le Royaume de Naples (XV-XIX siècles)*. Roma: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1985.
- DOPICO, Fausto, REHER, David. *La mortalidad en España, 1900-1930*. Madrid: Editorial Síntesis. No prelo.
- DUPÂQUIER, Jacques. *La population rurale du bassin parisien à l'époque de Louis XIV*. Paris-Lille: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1979.
- EIRAS ROEL, Antonio, REY CASTELAO, Ofelia (Eds.). Les migrations internes et à moyenne distance en Europa, 1500-1900 e Migraciones internas y medium-distance en la Península Ibérica, 1500-1900. Santiago: Xunta de Galicia, 1994. 2 v.

- ELDER JR., Glen H. Families and lives: some developments in life-course studies. *Journal of Family History*, v. 12, n. 1/3, p. 179-199, 1987.
- FLINN, Michael W. *The european demographic system*. Baltimore: [s.n.], 1981.
- GALLOWAY, Patrick. A reconstruction of the population of north Italy from 1650 to 1881 using annual inverse projection with comparisons to England, France, and Sweden. *European Journal of Population*, Netherlands, v. 10, p. 223-274, 1994.
- GARCÍA BARBANCHO, A. *Las migraciones interiores españolas: estudio cuantitativo desde 1900*. Madrid: Estudios de Instituto de Desarrollo Económico, 1967.
- GÓMEZ REDONDO, Rosa. *La mortalidad infantil española en el siglo XX*. Madrid: Siglo XXI/CIS, 1992.
- HAJNAL, John. European marriage patterns in perspective. In: GLASS, D. V., EVERSLEY, D. E. C. (Eds.). *Population in history*. Londres: Edward Arnold, 1965. p. 101-146.
- HAMMEL, Eugene A., LASLETT, Peter. Comparing household structure over time and between cultures. *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge, v. 16, p. 73-103, 1974.
- HAREVEN, Tamara K. Family history at the crossroads. *Journal of Family History*, v. 12, n. 1/3, p. 9-23, 1987.
- _____. The history of the family and the complexity of social change. *American Historical Review*, Washington, v. 96, n. 1, p. 95-124, 1991.
- HENRY, Louis. *Anciennes familles genevoises: étude démographique, XVIème-XXème siècles*. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.
- _____, FLEURY, Michel. *Des registres paroissiaux à l'histoire de la population. Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. Paris: Institut National d'Études Démographiques, 1976.
- _____, GAUTIER, Etienne. *La population de Crulai, paroisse normande: étude historique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.
- HENRY, Louis, BLAYO, Yves. La population de la France de 1740 à 1860. *Population*, Paris, v. 30, n. 5, 1975.
- IGLESIAS DE USSEL, Julio, FLAQUER, Luis. Familia y análisis sociológico: el caso de España. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Madrid, v. 61, p. 57-75, 1993.
- KERTZER, David. *Family life in Central Italy, 1880-1910*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1984.
- _____, BRETTELL, Caroline. Advances in Italian and Iberian family history. *Journal of Family History*, v. 12, n. 1/3, p. 87-121, 1987.
- KNODEL, John. Demographic transitions in German villages. In: COALE, Ansley J., WATKINS, Suzan Cotts (Eds.). *The decline of fertility in Europe*. Princeton: Princeton University Press, 1988.
- LASLETT, Peter. Introduction. In: LASLETT, P., WALL, R. *Household and family in past time*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972. p. 1-90.
- _____. The character of familial history, its limitations and the conditions for its proper pursuit. *Journal of Family History*, v. 12, n. 1/2, p. 263-285, 1987.
- _____, WALL, Richard (Eds.). *Household and family in past time*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- LEE, Ronald D. Estimating series of vital rates and age structures from baptisms and burials: a new technique, with applications to pre-industrial England. *Population Studies*, London, v. 27, p. 495-512, 1974.
- _____. Short-term variation: vital rates, prices and weather. In: WRIGLEY, E. A., SCHOFIELD, R. S. *The population history of England, 1541-1871: a reconstruction*. Cambridge: Harvard University Press, 1981. p. 356-401.
- _____. Population homeostasis and English demographic history. In: ROTBERG, R. I., RABB, T. K. (Eds.). *Population and economy: from the traditional to the modern world*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p. 75-100.
- _____. Inverse projection and demographic fluctuations: a critical assessment of new methods. In: REHER, D. S., SCHOFIELD, R. S. (Eds.). *Old and new methods in historical demography*. Oxford: Clarendon Press, 1993. p. 7-28.

- LE PLAY, Frédéric. *Les ouvriers européens: l'organisation des familles*. Tours: Alfred Mame et Fils, 1877-1879. 6 v.
- LIVI-BACCI, Massimo, REHER, David S. Other paths to the past. From vital series to population patterns. In: REHER, D. S., SCHOFIELD, R. S. (Eds.). *Old and new methods in historical demography*. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 66-83.
- MACÍAS HERNÁNDEZ, Antonio M. La demografía de una población insular atlántica. Gran Canaria, 1680-1850. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, v. 9, n. 3, p. 49-66, 1991.
- McCAA, Robert. Populate: a microcomputer projection package for aggregative data applied to Norway, 1736-1970. *Annales de Démographie Historique*, p. 287-298, 1989.
- _____. Benchmarks for a new inverse population projection program: England, Sweden, and a standard demographic transition. In: REHER, D. S., SCHOFIELD, R. S. (Eds.). *Old and new methods in historical demography*. Oxford: Clarendon Press, 1993. p. 40-56.
- _____. PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *Populate: from births and deaths to the demography of past, present and future*. Minneapolis: [s.n.], 1989.
- _____. VAUPEL, James W. Comment la projection inverse se comporte-t-elle sur les données simulées. In: BLUM, A., BONNEUIL, N., BLANCHET, D. (Eds.). *Modèles de la Démographie Historique*. Paris: [s.n.], 1992.
- McKEOWN, Thomas. *The modern rise of population*. Londres: Edward Arnold, 1976.
- MIKELARENA PEÑA, Fernando. Estructuras familiares, ciclo de vida, composición familiar y mano de obra extrafamiliar en el seno de los grupos domésticos de una ciudad tradicional: el ejemplo de Pamplona en 1786. *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, v. 12, n. 2/3, p. 125-147, 1994.
- NADAL I OLLER, Jordi. *La población española (siglos XVI a XX)*. Ed. corr. e ampl. Barcelona: Ariel, 1984.
- _____. La población española durante los siglos XVI, XVII y XVIII. Un balance a escala regional. In: PÉREZ MOREDA, V., REHER, D. S. *Demografía Histórica en España*. Madrid: El Arquero, 1988. p. 39-54.
- NADALIN, S. O., MARCÍLIO, M. L., BALHANA, A. P. *História e população: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: SEADE, 1990. 308 p.
- OEPPEN, Jim. Generalized inverse projection. In: REHER, D. S., SCHOFIELD, R. S. (Eds.). *Old and new methods in historical demography*. Oxford: Clarendon Press, 1993. p. 29-39.
- PÉREZ MOREDA, Vicente. La evolución demográfica española en el siglo XIX (1797-1930): tendencias generales y contrastes regionales. In: LA POPOLAZIONE italiana nell'ottocento: continuità e mutamenti. Bologna: Editrice Clueb: Società Italiana di Demografias Storica, 1985a. p. 45-113.
- _____. La modernización demográfica, 1800-1930. Sus limitaciones y cronología. In: SÁNCHEZ ALBORNOZ, N. (Ed.). *La modernización económica de España, 1800-1930*. Madrid: Alianza, 1985b. p. 25-62.
- PERRENOUD, Alfred. *La population de Genève, XVIIe-XIXe siècles*. Ginebra: [s.n.], 1979.
- POUSSON, Jean Pierre. *Bordeaux et le sud-ouest au XVIIIe siècle: croissance économique et attraction urbaine*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1983.
- REHER, David S. Urban growth and population development in Spain, 1787-1930. In: LAWTON, R., LEE, R. (Eds.). *Urban population development in western Europe from the late eighteenth to the early twentieth century*. Liverpool: Liverpool University Press, 1989. p. 190-219.
- _____. Urbanization and demographic behaviour in Spain, 1860-1930. In: VAN DER WOUDE, A., DE VRIES, J., HAYAMI, A. (Eds.). *Urbanization in history: a process of dynamic interactions*. Oxford: Clarendon Press, 1990. p. 282-299.

- REHER, David S. Dinámicas demográficas en Castilla la Nueva 1550-1900: un ensayo de reconstrucción. In: NADAL I OLLER, J. (Ed.). La evolución demográfica bajo los Asturios. In: CONGRESSO DE LA ADEH, 2., 1990, Alicante. *Actas...* Aliante: Instituto de Cultura Juan Gil Albert, 1991a. v. 3. p. 17-75.
- _____. Marriage patterns in Spain, 1887-1930. *Journal of Family History*, v.16, n. 1, p. 7-30, 1991b.
- _____, IRISO NAPAL, Pedro L. Marital fertility and its determinants in rural and in urban Spain, 1887-1930. *Population Studies*, London, v. 43, p. 405-427, 1989.
- _____, SCHOFIELD, Roger S. (Eds.). *Old and new methods in historical demography*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- _____, NOGUERAS, Beatriz, POMBO SAN MIGUEL, Nieves. *España a la luz del censo de 1887*. Madrid: Instituto Nacional de Estadística, 1993.
- ROWLAND, Robert. Sistemas matrimoniales en la Península Ibérica (siglos XVI-XIX): una perspectiva regional. In: PÉREZ MOREDA, V., REHER, D. S. (Eds.). *Demografía histórica en España*. Madrid: Ediciones El Arquero, 1988. p. 72-137.
- ROWNTREE, Benjamin Seeborn. *Land and labor: lessons from Belgium*. Londres: Macmillan, 1910.
- RUDOLPH, Richard L. The european family and economy: central themes and issues. *Journal of Family History*, v. 17, n. 2, p. 119-138, 1992.
- RUGGLES, Steven. Historical demography from the census. Applications of the american census microdata files. In: REHER, D. S., SCHOFIELD, R. S. (Eds.). *Old and new methods in historical demography*. Oxford: Clarendon Press, 1993. p. 383-393.
- SÁNCHEZ ALONSO, Blanca. *Las causas de la emigración española 1880-1930*. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- SHORTER, Edward. *The making of the modern family*. Nova York: Basic Books, 1976.
- SKOLNICK, M. et al. Conference on methods of automatic family reconstitution. *IUSSP Papers*, n. 12, 1977.
- STONE, Lawrence. *Family, sex, and marriage in England, 1500-1800*. Nova York: Harper and Row, 1977.
- _____. Family history in the 1980s. *Journal of Interdisciplinary History*, Cambridge, v. 12, p. 51-57, 1981.
- VALLIN, Jacques. Mortality in Europe from 1720 to 1914: long-term trends and changes in patterns by age and sex. In: SCHOFIELD, R., REHER, D., BIDEAU, A. (Eds.). *The decline of mortality in Europe*. Oxford: Clarendon Press, 1991. p. 38-67.
- _____, MESLÉ, France. *Les causes de décès en France de 1925 à 1978*. Paris: Presses Universitaires de France, Institut National d'Etudes Démographiques, Travaux et Documents, 1988. (Cahier, nº 115)
- VIAZZO, Pier Paolo. *Upland communities*. Environment, population and social structure in the Alps since the sixteenth century. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- WEIR, David R. Family reconstitution and population reconstruction. Two approaches to the fertility transition in France, 1740-1911. In: REHER, D. S., SCHOFIELD, R. S. *Old and new methods in historical demography*. Oxford: Clarendon Press, 1993. p. 145-158.
- WHEATON, Robert. Observations on the development of kinship history, 1942-1985. *Journal of Family History*, v. 12, n. 1/3, p. 285-302, 1987.
- WOODS, Robert I., HINDE, P. R. A. Nuptiality and age at marriage in nineteenth-century England. *Journal of Family History*, v. 10, n. 5, p. 119-144, 1985.
- WRIGLEY, E. Anthony. Family reconstitution. In: WRIGLEY, E. A. (Ed.). *An introduction to english historical demography*. Londres: [s.n.], 1966. p. 96-159.
- _____, SCHOFIELD, Roger. *The population history of England, 1541-1871: a reconstruction*. Cambridge: Harvard University Press, 1981.